

Beato João Maria da Cruz



**Viveu amando e morreu
perdoando**

Beato João Maria da Cruz

Viveu amando e morreu perdoando

I.

VIVEU AMANDO E MORREU PERDOANDO

«Sim, meus irmãos, Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. Ele mesmo disse isso. E com estas três palavras, atributos que, digamos, se adequam perfeitamente a Nosso Senhor, podemos definir uma síntese de tudo o que é fonte dos dons e benefícios que Jesus Cristo veio trazer à humanidade: Jesus Cristo é caridade, portanto Deus é caridade, como dizia o seu amado apóstolo: “*Deus caritas est*”. Sim, amados, Deus é Caridade, Deus é Amor. Logo, sendo o Coração um símbolo de amor, e o Coração de Jesus sendo o templo e trono do Divino, qual é conseqüentemente a fonte infinita de caridade senão o Santíssimo Coração de Jesus? Sim, amados, Deus é Caridade, Jesus Cristo é Caridade. O Coração de Jesus é a “fonte de vida e santidade”, como diz a Igreja, é a primavera infinita, inesgotável da caridade. O Coração de Jesus é o fogo ou o vulcão ardente de caridade e amor que veio a este mundo para envolver com sua chama amorosa toda a redondeza da terra e acender a doce chama da caridade em todos os corações dos homens».

(Beato João Maria da Cruz,
Discurso preparatório à festa do Sagrado Coração de Jesus,
Puente la Reina, 13 de junho de 1928)

A vida do beato João Maria da Cruz pode ser vista como um fracasso: ele foi morto por ser sacerdote ainda jovem. Ele tinha apenas 44 anos. O fim de sua trajetória de vida é um elenco de catástrofes e tragédias. Contudo, por outro lado, a sua existência, seguindo as pegadas de Cristo, é um modelo, que certamente pode ser imitado por muitas pessoas pelo seu comportamento, animado por uma intensa vida de oração pessoal; é um exemplo tangível de caridade para com Deus e para com o próximo. É um modelo também porque viveu uma total disponibilidade à vontade do Senhor, um verdadeiro abandono, como possibilidade concreta de viver a oferta sacrificial da própria vida.

O beato João Maria da Cruz nos lembra que a nossa existência não foi fundada na morte, mas na vida e, de modo concreto, no amor que Deus tem por nós. Por esse motivo ele nos lembra que Deus é Amor, é Caridade. Padre João encontrou em Jesus a força para viver e entregar sua vida até as últimas conseqüências: derramar o seu sangue por amor do Coração de Jesus. Por isso ele mesmo afirma:

«Bendito seja Deus! Sua divina vontade seja feita em mim e em tudo! Alegro-me por poder sofrer por Aquele que tanto sofreu por mim, pobre pecador».

Doando-se, o Beato seguiu o próprio Cristo em sua vida e em sua morte, foi por ele inspirado; fez a vontade do Pai; deixou-se guiar pelo Espírito, nada colocou à frente do Reino de Cristo; foi aquele que amou o próximo a ponto de derramar seu sangue; aquele que se dispôs a dar tudo sem exigir nada em troca; aquele que, finalmente, viveu amando e morreu perdoando.

II. BEATO JOÃO MARIA DA CRUZ: VIVEU AMANDO

Nasceu em 25 de setembro de 1891 em San Esteban de los Patos (Ávila) e foi batizado dois dias depois. No dia do seu batismo, na igreja paroquial de Santo Estêvão, foi-lhe atribuído o nome de Mariano. Recebeu o sacramento da Confirmação em 13 de abril de 1893. Primeiro de quinze filhos, teve sua primeira formação cristã na família. Logo sentiu o chamado ao sacerdócio. Para se preparar para o seminário, teve as primeiras lições com padre Olegário, cura de Mingorria, que fica a cerca de 3 km de San Esteban. Um irmão de Mariano confirma:

«o Servo de Deus nasceu e viveu seus primeiros anos em um ambiente familiar muito piedoso».

Depois da primeira formação literária orientada pelo pároco de Mingorria, Mariano foi acolhido como aluno externo do seminário de Ávila (1903-1907), onde foi hóspede de familiares. De 1907 a 1916 frequentou os cursos de Filosofia e Teologia como interno, obtendo excelentes resultados em todas as disciplinas. Foi considerado por todos um seminarista exemplar, de grande piedade e empenho no estudo:

«Foi modelo em tudo [...] distinguiu-se por uma profunda humildade, e foi um jovem de extraordinário talento».

Já como seminarista, sentiu o chamado a unir a vida religiosa ao sacerdócio. Fez uma primeira tentativa com os Dominicanos (15 de agosto de 1913), mas por motivos de saúde teve que voltar ao seminário.

Em 18 de março de 1916 foi ordenado sacerdote. Durante 9 anos exerceu o ministério paroquial, com grande zelo nas paróquias de Hernansancho e San Juan de la Encinilla. Muito eloquente é o testemunho de sua irmã Joana, que o auxiliou quando esteve nos povoados de Ávila:

«Passava as noites em frente ao tabernáculo. Ele mal se alimentava. De manhã, bem cedo, já estava no confessionário à espera dos seus paroquianos para o sacramento da Penitência. Sua confidencialidade era tal que, se alguma mulher fosse ao seu escritório para falar com ele, fazíamos um sinal para que minha avó ou eu entrássemos no escritório durante a conversa. Gostava muito de penitência. Uma manhã, enquanto arrumava seu quarto, descobri uma alça com pontas ensanguentadas. Algumas noites eu o ouvia lutar. Durante o jantar, suas conversas eram sempre sobre assuntos espirituais, e o martírio era tema constante».

Depois da tentativa de ingressar na Ordem dos Carmelitas Descalços, em 1925 obteve finalmente a permissão de seu bispo para ingressar na Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos), conhecida através do padre Guilherme Zicke, então encarregado do jovem Instituto na Espanha.

Tendo cumprido o que o Bispo lhe pedira quanto à transferência da paróquia, no mesmo ano (1925) entrou na Congregação, assumindo o nome de “João Maria da Cruz”. Concluído o noviciado, em 31 de outubro de 1926, solenidade de Cristo Rei, fez sua primeira profissão no “espírito de amor, de oblação e de reparação” próprio da Congregação Dehoniana.

Depois de um ano como professor de religião no colégio dos Padres Reparadores (assim era chamada a Congregação na Espanha) em Novelda, foi transferido para a Escola Apostólica de Puente la Reina (Navarra) com a função de promotor vocacional. Aqui por nove anos (1927-1936) ele prestou um serviço humilde, muito diferente de suas inclinações naturais. Também neste serviço, que muitas vezes o afastou da comunidade, fez-se amado e estimado.

O grande desejo de uma vida contemplativa levou-o a pedir autorização para entrar no mosteiro da Ordem Trapista em Cóbreces. Ficou, porém, pouco tempo: por motivos de saúde, logo regressou à Congregação Dehoniana.

Nas suas constantes viagens como promotor vocacional e como pedinte para recolher o necessário para os alunos de Puente, padre João pôde ser estimado pelo seu comportamento, pelo seu grande espírito de oração, pela caridade que o animava e pelo exercício das virtudes em geral. Padre Ignácio Maria Belda Pérez, então superior da Província espanhola dos Dehonianos, afirma:

«A nova missão conferida ao padre João não o fez perder o fervor; pelo contrário, aproveitou estas oportunidades para realizar o apostolado, difundindo a devoção à Adoração real e perpétua do Santíssimo Sacramento, bem como a devoção ao Amor Misericordioso».

Os textos também nos lembram o quanto o desejo de martírio estava vivo no padre João. À mãe de um frade capuchinho, feito prisioneiro pelos comunistas na China, disse:

«Seu filho é um mártir. Oh, que eu tenha o mesmo destino de ser perseguido e morrer mártir por Cristo!».

À medida que a situação na Espanha se tornava cada vez mais ameaçadora, ele mostrou o desejo de morrer como um mártir.

Em 1936, os Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus obtiveram autorização do bispo de Cuenca para abrir a sua própria comunidade em Garaballa. Padre João também estava destinado para este lugar fresco e tranquilo, onde poderia restaurar sua saúde frágil. Sua estadia foi curta; foi bruscamente interrompida pelos dramáticos acontecimentos da guerra civil, que o levaram a Valência, o lugar de seu sacrifício.

No dia 23 de julho de 1936, ao chegar em Valência, o padre João passou em frente à Igreja dos “Santos Juanes” enquanto ateavam fogo a uma pilha de objetos sagrados. Vendo o incêndio na Igreja, falando em voz alta consigo mesmo, disse:

«“Que horror! Que crime, que sacrilégio!” Ao ouvir essas palavras, alguém lhe disse: “Você é um homem de direita, você é um tradicionalista”. Ao que o padre João respondeu: “Eu sou um sacerdote”. Diante dessa declaração, ele foi preso».

Ele foi trancado na Prisão Modelo de Valência, no quarto corredor. Padre João escreve a dom Lourenço José Philippe, segundo Superior Geral da Congregação, eleito bispo de Luxemburgo:

«Estou na prisão há três semanas, porque proferi algumas frases de protesto pela terrível destruição perpetrada em algumas igrejas, queimadas e profanadas. Deus seja bendito. Sua vontade divina seja feita em tudo. Alegro-me muito por ter tido a oportunidade de sofrer algo por Aquele que tanto sofreu por mim, pobre pecador».

Escreveu também ao prefeito de Garaballa, informando-o de que

«assim que cheguei em Valência, puseram-me na prisão com muitos outros padres, religiosos e seculares. Porém, graças a Deus, estou calmo e resignado com o que a Providência divina quiser dispor de mim».

Seus companheiros de prisão descrevem padre João como uma pessoa calma e pronta para fazer a vontade de Deus, até o sacrifício de sua vida. Um advogado, também preso, relata:

«sem dúvida o Servo de Deus, dadas as circunstâncias, estava convencido de que o iam assassinar. Embora estivesse na prisão, em momentos de recreação, ele conduzia a recitação do Santo Rosário em voz alta, éramos vigiados pelas sentinelas com seus fuzis; eles nos insultavam e nos ameaçavam de morte. Pensou-se em interromper as orações para evitar qualquer provocação. No entanto, o padre João continuou a rezar sozinho; rezava tanto que alguém disse: “Algum dia matarão o padre Giacchettone como um pássaro”».

Outra testemunha relata que:

«ele nunca fez nada, que eu saiba, para recuperar a sua liberdade. Mais de uma vez ele me disse que estava disposto a fazer o que Deus pedisse. Um dia, ao ouvir gritos e vozes em sua cela, corri e vi que a inspeção do cárcere protestava contra o que havia desenhado nas paredes da cela a lápis, mas de maneira muito visível: algumas cruces espaçadas, que lhe serviam para a Via-Sacra. Pediram para levá-lo para a cela de rigor por esse motivo, mas, graças à minha intervenção, ele se livrou dessa pena (...). Sempre se comportava como um sacerdote muito digno».

No mês que passou na prisão (de 23 de julho a 23 de agosto), mostrou firmeza e coragem. A cada notícia de que alguns de seus companheiros de prisão haviam sido mortos, ele respondia que estava pronto para fazer a vontade de Deus. O pequeno diário, encontrado num bolso da calça do padre João no dia de sua exumação – perfurado por balas de rifle e ensanguentado –, atesta seu compromisso na prisão em seguir todos os atos prescritos pela Regra.

Aquilo que há muito declarava como uma “bem-aventurança” e uma graça extraordinária, aconteceu com ele na noite de 23 de agosto de 1936. Retirado de sua cela ao entardecer, padre João saiu alegre e animado, quase pulando de alegria. Foi assassinado na noite de 23 de agosto de 1936 em Silla (Valência), no horto “El Sario”, ao pé de uma oliveira. Em seguida, foi enterrado no cemitério de Silla numa fossa comum junto com outros assassinados. Alguns o viram no local da sua morte e mais tarde no cemitério de Silla onde fora sepultado:

«Na noite de 23 de agosto de 1936, ao sair da cela, chamado pelos funcionários, saltou de alegria. Minha opinião é que o Servo de Deus adivinhou que o estavam levando ao martírio. Sei pelo secretário do tribunal e pelo legista que ele foi fuzilado, junto com outros, na noite de 23 de agosto de 1936, em Silla (Valência), no horto “El Sario”, ao pé de uma oliveira. Foi então enterrado no cemitério de Silla numa fossa comum. Posteriormente, em 1940, seus restos mortais foram exumados e transferidos para a Escola Apostólica de Puente la Reina, em Navarra».

Seu corpo foi exumado em 28 de março de 1940 e transferido de Silla para Puente la Reina. Não foi difícil identificar os restos mortais do Beato: sobre seu corpo se encontravam a cruz de profissão, o escapulário da Congregação e uma agenda com o horário que seguia na prisão. Os restos mortais do padre João repousam na Igreja “El Crucifijo” de Puente la Reina. É considerado o protomártir da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus.

Em 11 de março de 2001, em Roma, o papa João Paulo II proclamou o padre João Maria da Cruz beato junto com outros 232 mártires. A sua memória é celebrada em 22 de setembro e é invocado como “padroeiro das vocações dehonianas”.

III.

PERFIL ESPIRITUAL DO BEATO: UMA VIDA DE AMOR, IMOLAÇÃO E REPARAÇÃO

A vida do Padre João Maria da Cruz, conforme mostra a sua biografia, já nos aparece como um testemunho de excelentes virtudes cristãs, religiosas e sacerdotais pouco comuns. Essas vão além do nível ordinário para deixar uma clara impressão de pessoa extraordinária em todos aqueles que o cercavam. Foi sempre exemplar e um modelo em tudo.

Toda a vida do padre João, especialmente no último período – quando os contextos sócio-políticos deixavam entrever a aproximação da tempestade persecutória, da qual também ele teria sido uma vítima heroica – pode-se dizer, de fato, que é uma crescente ascensão espiritual, na qual muitas vezes retorna o desejo do martírio.

1. *O amor a Deus*

O amor a Deus era o centro de sua vida e se expressava em sua piedade; no ardor com que defendia a honra e a glória de Deus; no zelo apostólico sem limites; na sua disponibilidade total à vontade de Deus e no abandono nas mãos do Pai, a ponto de dar a própria vida. O padre Guilherme Zicke, superior do padre João, atesta:

«Quanto à conduta do Servo de Deus como professo, posso afirmar, pelo meu conhecimento pessoal, que a sua piedade se manifestava no seu amor extraordinário pelo Santíssimo Sacramento e pela Santíssima Virgem [...]. Seu tema favorito nas suas pregações e instruções era o amor misericordioso do Sagrado Coração. Ele se dirigia aos Santuários da Virgem, impondo-se grandes sacrifícios».

Este amor ardente e corajoso a Deus e à Igreja é evidente na sua vida pastoral nas paróquias que lhe foram confiadas, durante a sua missão de promotor vocacional e como humilde pedinte para a Escola Apostólica de Puente la Reina, assim como durante a sua detenção diante da igreja dos “*Santos Juanes*”.

2. *O amor pela Eucaristia*

O amor pela Eucaristia e pela Adoração Eucarística sustentou o caminho espiritual do padre João. Amava tão profundamente a Eucaristia que não se importava com os sacrifícios para estar perto do Santíssimo Sacramento:

«Ouvi dizer a mãe do Servo de Deus – declara sua cunhada – que seu filho era santo e que mesmo em suas brincadeiras infantis mostrava piedade diante do Santíssimo Sacramento». Sua irmã Joana lembra que «comungava diariamente, e não podendo fazê-lo em meu povoado por falta de sacerdote, trasladava-se, com evidente sacrifício, para outros povoados. Às vezes tinha que viajar por vários povoados buscando a comunhão, sem encontrar sacerdotes. Houve também um tempo em que, indo de povoado em povoado, tinha que voltar ao nosso à noite».

3. *A devoção filial à Virgem Maria*

Seu outro grande amor foi Nossa Senhora. Sua devoção à Santíssima Virgem era extraordinária. Preparava as festas da Virgem com sermões cheios de unção:

«se alguma função religiosa fosse celebrada e não houvesse pregador, especialmente nas festas da Santíssima Virgem, a pedido do resto da comunidade, ele se propunha. E acontecia que, mesmo sem qualquer preparação, emocionava os ouvintes com sua grande admiração. Às vezes, se alguém lhe indicava a sua facilidade no púlpito, costumava dizer que, quando se ama muito a Virgem Maria, não é necessária uma grande preparação».

4. *O amor pela Cruz*

No nome que escolheu na profissão religiosa, padre João quis unir a aspiração contemplativa e a devoção mariana com um amor generoso à Cruz. Ele foi fiel à prática da Via-Sacra, que para ele se revelou tão cara que o induziu a gravar, nas paredes da sua cela do cárcere de Valência, pequenas cruces que lhe permitiriam reviver essa devoção à Santa Cruz, naquele lugar de grande sofrimento e à espera do martírio. Queria alcançar uma forte e serena disponibilidade ao sacrifício supremo. Pode-se dizer que sua conduta exemplar foi uma preparação para o martírio:

«A Cruz é o livro da minha vida».

5. *A caridade para com o próximo*

Da caridade para com Deus passa-se inevitavelmente à caridade para com o próximo e a uma profunda humildade:

«Nunca ouvi uma palavra de crítica sair da sua boca. Ele sempre foi manso e humilde de coração»;
«em todas as ocasiões manifestou sua grande humildade, vindo pedir perdão aos mesmos a quem com razão censurara».

A vida do padre João é caracterizada pela sua caridade pastoral e pela sua disponibilidade, à custa de qualquer sacrifício. Ele viveu o seu sacerdócio inteiramente entregue a Deus e aos seus irmãos. E, precisamente porque viveu fortemente o sentido de uma vida inteiramente consagrada a Deus e ao próximo, deixou um testemunho de fidelidade plena e ininterrupta aos compromissos assumidos:

«O já professo Servo de Deus – atesta padre Lourenço Cantó – mostrou um zelo extraordinário no cumprimento dos seus deveres e, embora sentisse especial vocação para a pregação e direção das almas, tudo sacrificou à obediência, que o destinava ao ofício de humilde pedinte [...] e favoreceu vocações para o nosso Instituto, de tal forma que vários membros da Congregação devem sua vocação ao Servo de Deus».

6. *A virtude da fortaleza*

A virtude da fortaleza, que surge da fidelidade exemplar e perseverante do padre João à prática das virtudes, sustentou-o no momento mais exigente, quando se encontrou no cárcere de Valência. Além dos testemunhos de seus companheiros de prisão, recolhidos em sua biografia, permanece sempre, silencioso e eloquente ao mesmo tempo, o testemunho de seu pequeno diário manchado de sangue, no qual traçava o programa diário de um religioso e sacerdote do Sagrado Coração. Nada deteve ou atenuou a sua firme vontade de ser, sempre e em toda a parte, um verdadeiro consagrado a Deus e à Igreja. Sempre se comportou como um digno sacerdote, capaz de tirar da sua grande serenidade e tranquilidade de espírito, nos dias mais difíceis de detenção, a força para incutir, também nos outros, a certeza da sua fé e da sua esperança cristã.

7. *A fama de santidade*

A sua fama de santidade se deduz do estilo de vida religioso que levava. De fato, sua irmã Joana relata que

«todos, ao saber da morte do Servo de Deus, ficaram profundamente entristecidos e disseram: “Perdemos um sacerdote, mas temos um santo”»;

«a voz geral do povo é que a sua morte foi um verdadeiro martírio. Sei que em todo o norte da Espanha são muitos os que invocam o Servo de Deus e se recomendam a ele»;

«a fama ou crença do povo, mesmo entre os menos piedosos ou mais indiferentes, é que a morte do Servo de Deus assumiu um verdadeiro carácter de martírio. Quem o conheceu considera-o um mártir e invoca-o nas suas necessidades»;

«Assisti ao traslado dos restos mortais do Servo de Deus a Puente la Reina. Em seguida, houve a demonstração da grande veneração em que foi realizada. Todos o estimavam, como já em vida, um santo».



IV. O MARTÍRIO DO BEATO: MORREU PERDOANDO

Ninguém duvidou que a morte violenta sofrida pelo padre João Maria da Cruz, nas mãos dos perseguidores da Igreja, foi um verdadeiro martírio. É natural, portanto, seguindo os diversos acontecimentos da sua vida e a sua postura habitual, referir-se às palavras do Concílio Vaticano II:

«o martírio, pelo qual o discípulo se torna semelhante ao mestre, que livremente aceitou a morte para salvação do mundo, e a Ele se conforma no derramamento do sangue, é considerado pela Igreja como um dom insigne e prova suprema de amor. E embora seja concedido a poucos, todos, porém, devem estar dispostos a confessar a Cristo diante dos homens e a segui-lo no caminho da cruz em meio às perseguições que nunca faltarão à Igreja» (LG 42).

1. O desejo do martírio

As últimas etapas da vida vivida pelo padre João se desenvolveram em uma época dramática, que fez prever uma feroz perseguição contra a religião, a Igreja e aqueles que mais a representavam: sacerdotes, religiosos e religiosos.

Nesse contexto, padre João foi particularmente sensível ao zelo irreprimível que apareceu repetidamente como um componente qualificador de sua personalidade. Um zelo que logo se converteu num “desejo de martírio”, como expressão do mais alto amor a Cristo e à Igreja:

«Oh, que eu tenha o mesmo destino de ser perseguido e morrer por Cristo!», «Feliz é aquele que tem a sorte de derramar o seu sangue por Nosso Senhor!».

Incutia sua fé e seu entusiasmo naqueles que se aproximaram dele, encorajando-os nos grandes perigos que os aguardavam. Vislumbrou a tragédia espanhola de 1936 como um tempo de mártires. Em seus sermões e conversas, manifestou muitas vezes seu desejo de martírio. Falava do martírio com entusiasmo, pressentindo claramente o que se aproximava, e animava a todos de tal forma que, já então, não se falava de outra coisa que da glória dos mártires. Padre João foi movido pelo valor da fé e pela força que lhe inspirava um grande zelo pela glória de Deus:

«Bendito Deus! Sua divina vontade se faça em mim e em tudo! Alegro-me por poder sofrer por Aquele que tanto sofreu por mim, pobre pecador».

2. O fuzilamento do padre João Maria da Cruz: padeceu uma morte violenta

Na verdade, não existem muitas provas e testemunhos sobre o martírio do padre João que nos permitam conhecer os últimos momentos da sua vida antes de ser morto. Os poucos testemunhos revelam sua foi assassinado pelos seus perseguidores. As circunstâncias são tão claras que excluem qualquer dúvida razoável sobre a convicção, imediatamente consolidada entre o povo, de que padre João fosse um verdadeiro mártir. Muitos se lembram que o executaram porque era bom e o consideraram um verdadeiro mártir, pois seu sacrifício não se deveu a outra coisa senão à sua condição de religioso. Todas as testemunhas delineiam os traços fundamentais da sua fé profunda e convicta, do seu altruísmo generoso, da sua vida exemplar e austera, unida ao alegre serviço de Deus e do próximo.

A última testemunha que o viu vivo foi o padre Salvador Hernández, seu companheiro na prisão de Valência, que declarou:

«um dia, por volta de 23 de agosto de 1936, não o vi mais. As "deportações" para matar prisioneiros aconteciam à noite. Eu tinha o breviário do Servo de Deus, ele rezava de dia e eu à noite. Por isso fiquei com o breviário, que entreguei ainda na prisão ao padre Lourenço [Cantó], também religioso reparador, quando ele entrou na mesma algum tempo depois».

A reconstituição dos fatos na noite de 23 de agosto é baseada nos relatos do coveiro, do médico que reconheceu o cadáver e de alguns camponeses. O caminhão que transportava os prisioneiros, entre os quais padre João, parou em Silla, um povoado perto de Valência, e lá foram mortos a tiros. Os corpos foram carregados no caminhão para levá-los ao cemitério, onde foram enterrados em uma vala comum com bastante cal. Afirma o padre Lourenço Cantó:

«No dia seguinte ao da sua morte, segundo me disse o secretário do tribunal, seu corpo foi recolhido e sepultado no cemitério de Silla, numa vala comum com nove companheiros de martírio».

Em 28 de março de 1940, o corpo foi exumado e, no dia 1º de abril, foi transferido para a Escola Apostólica de Puente la Reina. A identificação foi fácil, diz o padre Lourenço Cantó:

«Ao começar a cavar a sepultura, encontrei o crânio e alguns ossos do Servo de Deus, e da sua roupa, de uma ponte que tinha no maxilar superior, da cruz de profissão que levava consigo, com o escapulário que usamos na Congregação, o cadáver do Servo de Deus podia ser facilmente identificado. Além disso, como já dissemos, em seus bolsos, encontrou-se uma agenda a partir da qual pudemos provar que o horário descrito era o mesmo que nós, padres da Congregação, observamos. Devido às dificuldades levantadas pelos familiares dos outros mártires com ele sepultados, não pudemos recolher os restos mortais do Servo de Deus, e o cobrimos com a mesma terra. Posteriormente, porém, munidos da devida autorização eclesiástica e civil, e providos de uma caixa especial, procedemos à exumação e ao traslado dos restos mortais a Puente la Reina, onde atualmente repousam na sacristia da Escola Apostólica».

3. *Odium fidei: sacrificado porque era sacerdote*

Durante a segunda república espanhola houve, sem dúvida, uma verdadeira perseguição religiosa claramente evidenciada nas leis e, violentamente, nas ruas. Em Valência, ela teve uma ferocidade particular. Muitas vítimas foram assassinadas por serem católicas. Este fato é indiscutível e suficiente para provar e testemunhar a favor do martírio do padre João.

No seu caso, não há dúvidas sobre os motivos de seu assassinato, já que ele nunca se envolveu politicamente, a ponto de provocar os perseguidores. Aqueles que o conheciam sabiam que o motivo de sua morte deve ser atribuído unicamente ao fato de ser religioso, já que nunca tratou de política e não havia nada de reprovável no seu comportamento.

Ele foi, portanto, eliminado unicamente pela posição antirreligiosa de seus perseguidores em relação ao clero e aos religiosos em particular. Vários testemunhos afirmam que confessar publicamente sua condição de sacerdote foi a causa de sua detenção e assassinato:

«tê-lo confessado publicamente foi a causa de sua retenção. Posso assegurar que sua prisão e sua morte foram devidas exclusivamente ao seu carácter sacerdotal».

4. *Aceitação da morte: prontamente e com alegria*

Desde que era jovem sacerdote, padre João havia pedido a graça extraordinária do martírio e, abandonado nas mãos da Providência Divina, nunca excluiu esta possibilidade durante a perseguição. Com tal disponibilidade interior, sem se esconder, declarou-se pronto a dar a vida pela defesa da fé. Com boa consciência, com o auxílio da oração e com assiduidade nos sacramentos, durante a perseguição, consciente dos riscos, considerou que era seu dever fazer de tudo para proteger e defender os perseguidos. Recomendava que não se preocupassem com ele quando começaram a sentir a proximidade do perigo. Respeitado pelos mesmos inimigos, no momento que antecedeu seu assassinato, padre João manifestou inequivocamente sua disposição e aceitação da morte em defesa da fé.

Os testemunhos sublinham a sua vontade de dar a vida e revelam que ele não renegou à fé, mesmo sabendo que poderia ter salvado a sua vida. E quando os comunistas o confrontaram, ele se declarou disposto a aceitar tudo para permanecer firme na fidelidade a Cristo e à Igreja.

Aceitou o martírio com espírito de fé. Os textos afirmam que o padre João já se preparava há algum tempo para um possível martírio:

«Era admirável o entusiasmo com que falava do martírio, prevendo com clareza o que se aproximava, animando-nos de tal forma que, já então, só falávamos da glória dos mártires».

Além dos testemunhos, temos uma carta do padre João, escrita na prisão, na qual expõe os motivos concretos da sua detenção e descreve o seu estado de espírito. Foi escrita em 10 de agosto de 1936 e se dirigia ao dom Lourenço Philippe:

«Estou preso há três semanas, porque proferi algumas frases de protesto contra a terrível destruição perpetrada em algumas igrejas, que foram queimadas e profanadas. Deus seja bendito! Sua vontade divina seja feita em mim e em tudo! Alegro-me muito por ter tido a oportunidade de sofrer algo por Aquele que tanto sofreu por mim, pobre pecador».

As suas atitudes durante o tempo que passou na prisão são descritas por alguns companheiros com quem viveu seus últimos dias:

«O seu comportamento nos dias de reclusão foi extraordinário, de grande serenidade e tranquilidade de espírito. O que eu não poderia dizer sobre muitos outros companheiros de prisão. A verdade é que entrar na prisão foi impressionante e assustador».

«Mais de uma vez me disse que estava disposto a fazer o que Deus lhe pedisse. Sempre se comportou como um sacerdote muito digno. Se estava no pátio de recreação e ouvia soar as horas, rezava com quem estivesse lá. Vi isso muitas vezes. Outras vezes, eu o vi rezando na sua cela. Nunca foi rude com ninguém».

5. *Fama de martírio*

Onde quer que se tornassem conhecidas as notícias das circunstâncias da morte de padre João, formava-se imediatamente a convicção de que seu assassinato “foi um verdadeiro martírio”:

«A voz geral do povo é que sua morte foi um verdadeiro martírio».

Por isso, essa fama se transformou em devoção e confiança na intercessão do padre João entre as pessoas que o conheceram:

«Sei que há pessoas que se recomendam ao Servo de Deus e dizem que receberam graças pela sua intercessão. Recebi relatos sobre isso de muitos que vieram visitar seu túmulo».



V.
A TÍTULO DE CONCLUSÃO:
VIDA DOADA E OFERECIDA A DEUS E AOS IRMÃOS

A motivação do assassinato de padre João foi exclusivamente o ódio à fé, como afirmam concordes todas as testemunhas. Portanto, não há dúvida em acreditar que a sua morte violenta foi perpetrada porque era um sacerdote e foi aceita por ele com prontidão e alegria. E à evidência desses elementos se acrescenta a fama de santidade, amplamente documentada entre o povo e na nossa Congregação religiosa. Consciente da grave perseguição contra a Igreja e, em particular, contra religiosos e padres, como declaram alguns de seus companheiros de prisão, padre João explodiu de alegria com a notícia de ser levado para a execução. Ele foi morto por sua fé e marchou para a morte rezando e perdoando os perseguidores. Viveu amando e morreu perdoando.

Os testemunhos que temos sobre o beato João Maria da Cruz falam de uma pessoa honesta e exemplar, cujo martírio selou uma vida de trabalho, oração e compromisso religioso na própria família, nas paróquias e na congregação religiosa.

Devemos conservar a memória de nosso protomártir. Seu testemunho não deve ser esquecido. É a prova mais eloquente da vida oferecida e dedicada a Jesus e aos irmãos; uma vida que manifesta sua beleza mesmo em meio ao sofrimento. Como Família Dehoniana, pedimos a intercessão diante de Deus do beato João Maria da Cruz. Que o exemplo de sua vida cristã, marcada pelas bem-aventuranças, ilumine o caminho que somos chamados a percorrer neste mundo.

ORAÇÃO PELA CANONIZAÇÃO
DO BEATO JOÃO MARIA DA CRUZ, mártir

Senhor e Pai nosso, rico de bondade e de misericórdia,
concedei-nos pela intercessão de vosso servo,
o beato João Maria da Cruz,
imitar a sua vida generosa
e empenhar-nos até o extremo no serviço das vocações
e entre os pobres e humildes,
para ser sempre testemunhas do vosso amor.
Ao vosso Coração de Pai confiamos o nosso desejo
de vê-lo glorificado na Igreja
e, pela sua intercessão,
esperamos obter a graça que vos pedimos...
Vós que viveis e reinais para sempre.
Amém.

Pe. Ramón Domínguez Fraile, scj
Postulador geral